

**MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO,
ASSINADA PELO CARDEAL SECRETÁRIO DE ESTADO PIETRO PAROLIN,
POR OCASIÃO DO XLIII MEETING PARA A AMIZADE ENTRE OS POVOS**

[RÍMINI, 20-25 DE AGOSTO DE 2022]

Do Vaticano, 21 de julho de 2022

*A Sua Excelência Reverendíssima
Dom FRANCESCO LAMBIASI
Bispo de Rímini*

Excelência Reverendíssima,

o Santo Padre saúda-o de coração e confia-lhe, por meio da minha pessoa, esta mensagem para o próximo *Meeting para a amizade entre os povos*, intitulado «Uma paixão pelo homem». No centenário do nascimento do Servo de Deus Mons. Luigi Giussani, os organizadores pretendem fazer memória grata do seu zelo apostólico, que o impeliu a ir ao encontro de tantas pessoas e a levar a cada uma a Boa Nova de Jesus Cristo. Com efeito, disse no seu discurso no Meeting de 1985: «O cristianismo não nasceu para fundar uma religião, nasceu como paixão pelo homem. [...] O amor ao homem, a veneração pelo homem, a ternura pelo homem, a paixão absoluta pelo homem, a estima absoluta pelo homem».

Às vezes parece que a história voltou as costas a esse olhar de Cristo para o homem. O [Papa Francisco](#) frisou isso em muitas ocasiões: «A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de redenção, alguém que nos dá a mão que nos levanta, um abraço que nos salva, perdoa, anima, que nos inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que nos coloca de novo nos trilhos» (*O nome de Deus é Misericórdia. Uma conversa com Andrea Tornielli*, São Paulo: Planeta, 2016, p. 46). É este o aspecto mais penoso da experiência de tantos que viveram a solidão durante a pandemia, ou que tiveram de abandonar tudo para escapar da violência da guerra. É por isso que a parábola do bom samaritano é hoje, mais do que nunca, uma palavra-chave, porque é evidente que «os homens, no seu íntimo, esperam que o samaritano venha em seu auxílio, que se debruce sobre eles, derrame óleo sobre as suas feridas, trate deles e os leve para lugar protegido. Em última análise, eles sabem que precisam da misericórdia de Deus e da sua delicadeza [...], de um amor salvífico que seja dado gratuitamente» (“Entrevista a S.S. o Papa emérito Bento XVI”, em D. Libanori, *Por meio da fé*, Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2016, p. 129).

O Evangelho apresenta o bom samaritano como modelo de uma paixão incondicional por cada irmão e irmã que se encontra pelo caminho; e por isso tem uma sintonia profunda com o tema do Meeting: «Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano» (Enc. [Fratelli tutti](#), 79).

Não se trata apenas de generosidade, que alguns têm mais e outros menos. Aqui Jesus quer pôr-nos diante da raiz profunda do gesto do bom samaritano. O Papa Francisco descreve-o assim: «Reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (cf. Mt 25,40.45). Na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita

pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com um amor infinito e que assim lhe confere uma dignidade infinita. Além disso, acreditamos que Cristo derramou o seu sangue por todos e cada um, pelo que ninguém fica fora do seu amor universal» (*Ibidem*, 85).

Este mistério nunca deixa de nos espantar, como o próprio Dom Giussani testemunhou na presença de São João Paulo II, em 30 de maio de 1998: «"Que é o homem, para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?" Nenhuma pergunta jamais me impressionou tanto como essa, em toda a minha vida. "Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Que poderia dar em troca de sua vida?" [...] Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade» (*Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 3).

É esta paixão de Cristo pelo destino de cada criatura que deve animar o olhar do crente por qualquer pessoa: um amor gratuito, sem medida e sem cálculos. Mas – perguntemo-nos – tudo isto não pode parecer uma intenção piedosa, em relação ao que vemos acontecer no mundo de hoje? No embate de todos contra todos, onde os egoísmos e os interesses de parte a parte parecem ditar a agenda na vida dos indivíduos e das nações, como é que é possível olhar para quem está ao nosso lado como um bem para respeitar, guardar e cuidar? Como é possível vencer a distância que separa uns dos outros? A pandemia e a guerra parecem ter alargado o fosso, fazendo recuar o caminho para uma humanidade mais unida e solidária.

Mas sabemos que o caminho da fraternidade não é desenhado nas nuvens: ele atravessa os muitos desertos espirituais presentes nas nossas sociedades. «No deserto – disse o Papa Bento XVI – é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança» (*Homilia na S. Missa de abertura do Ano da Fé*, 11 de outubro de 2012). O Papa Francisco não se cansa de indicar o caminho que atravessa o deserto trazendo vida: «O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente de uma atenção prestada ao outro considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início de uma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 199).

Recuperar esta consciência é decisivo. Uma pessoa não pode fazer sozinha o caminho da descoberta de si, o encontro com o outro é essencial. Neste sentido, o bom samaritano indica-nos que a nossa existência está intimamente ligada à dos outros e que a relação com o outro é condição para nos tornarmos plenamente nós mesmos e produzirmos fruto. Dando-nos a vida, Deus deu-nos, de alguma maneira, a si mesmo, para que nós, por nossa vez, nos demos aos outros: «O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude a não ser no sincero dom de si mesmo» (Enc. *Fratelli tutti*, 87). Dom Giussani acrescentava que a caridade é dom de si "comovido". Com efeito, é comovente pensar que Deus, o Todo-poderoso, se tenha debruçado sobre o nosso nada, tenha tido piedade de nós e nos tenha amado um a um com um amor eterno.

Qual é o fruto de quem, imitando Jesus, faz dom de si? «Aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos» (*Ibidem*, 94). Um abraço que derruba os muros e vai ao encontro do outro na consciência do quanto vale cada pessoa individual concreta, qualquer que seja a situação em que esteja. Um amor ao outro pelo que é: criatura de Deus, feita à sua imagem e semelhança, logo dotada de uma dignidade intangível, de que ninguém pode dispor ou, pior, abusar.

É esta amizade social que, como crentes, somos convidados a alimentar com o nosso testemunho: «Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo» (*Evangelii gaudium*, 24). Que necessidade têm os homens e as mulheres do nosso tempo de encontrar pessoas que não deem lições da varanda, mas desçam à rua para partilhar as dificuldades cotidianas da vida, sustentadas por uma esperança confiável!

O Papa Francisco insiste em chamar os cristãos a esta tarefa histórica, para o bem de todos, na certeza de que a fonte da dignidade de cada ser humano e a possibilidade de uma fraternidade universal é o Evangelho de Jesus encarnado na vida da comunidade cristã: «Se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de nos sabermos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher» (*Discurso no Encontro Ecumênico, Riga - Letônia*, 24 de setembro de 2018).

O Santo Padre deseja que os organizadores e os participantes do Meeting 2022 acolham com o coração alegre e disponível este apelo, continuando a colaborar com a Igreja universal no caminho da amizade entre os povos, dilatando no mundo a paixão pelo homem. E enquanto confia esta intenção à intercessão de Maria Santíssima, envia de coração a Bênção Apostólica.

Formulando o meu desejo pessoal de um Meeting que responda plenamente às expectativas, subscrevo-me obsequiosamente

de Vossa Excelência Reverendíssima
dev.mo
Pietro Card. Parolin
Secretário de Estado